



Documentação oficial
para o

I Congresso Nacional

Fundação Cuidar o Futuro

da

Juventude Universitária

Católica



CARTA MENSAGEM DE PIO XII
AO XXII CONGRESSO MUNDIAL DE PAX ROMANA - CANADÁ, 1952

Aos nossos queridos filhos
Roger Millot e Rosaire Beaulé
Presidentes de PAX ROMANA:

Que motivo de alegria e de esperança é para o Nosso coração de pai a vossa Assembleia mundial de estudantes e de intelectuais católicos, na terra canadiana, que tanto amamos, e especialmente nessa província de Québec, que se prepara para comemorar o centenário da sua primeira Universidade! Como será possível não ver nesse facto o penhor do renascimento da cultura cristã na América do Norte e de uma irradiação mais ampla do vosso duplo Movimento internacional? Apraz-nos sobremaneira que várias cidades, situadas nas duas zonas linguísticas do país, se tenham associado aos vossos trabalhos, e não podemos ter dúvidas sobre a generosa hospitalidade das autoridades religiosas, civis e universitárias. Por nossa parte, queremos que no momento da abertura do XXII Congresso de PAX ROMANA, sob a presidência do Nosso Venerável Irmão, o Arcebispo de Montréal, sintais a presença do Nosso coração no meio de vós, atraindo sobre as vossas sessões uma larga efusão de graças divinas.

Do Congresso de Amsterdam ao de Montréal o mesmo ideal apostólico anima os vossos trabalhos; e é por essa razão que nos empenhamos em confirmar, como sempre actuais, as directrizes que então vos demos sobre o papel dos intelectuais na Igreja. O tema deste Congresso, "A Missão da Universidade", incita-nos, aliás, a fixá-las hoje num ponto que nos é particularmente grato, em lembrança da acção decisiva dos Pontífices Romanos, na origem das primeiras Universidades e no decorrer da sua história brilhante. Se as vicissitudes dos tempos afrouxaram por vezes esses laços seculares entre a Igreja e a Universidade, a desorientação actual da humanidade ávida de concórdia e de unidade, a angústia de tantos espíritos de boa vontade, tudo vos incita a reatá-los. É com este pensamento que vós, estudantes e intelectuais católicos, vos aplicareis a estudar a missão - tradicional e no entanto sempre nova - da Universidade: o vosso dever está em conhecê-la bem para bem servi-la.

Antes de mais, não se põe em dúvida, para quem considera a Universidade uma comunidade de mestres e estudantes consagrados aos labores do espírito, que a sua missão consiste em ser um foco irradiante de vida intelectual para benefício da comunidade nacional, naquela atmosfera de sã liberdade propícia a toda a cultura. Tarefa contínua, na qual os Nossos filhos têm colaborado incessantemente. Contudo, se a Universidade quiser fazer frutificar em proveito das novas gerações o tesouro secular de que é depositária, deve estar atenta às condições particulares da vida contemporânea. Não é verdade que chegou o momento em que em grande número de países, extensas camadas da população aspiram a participar duma cultura autêntica? em que as dificuldades económicas e sociais da vida académica e profissional apresentam graves problemas aos responsáveis pela grei? o momento em que os modernos meios de informação alargam incessantemente a sua influência, por vezes em detrimento de uma verdadeira educação do pensamento pessoal?

Se ampliarmos as perspectivas, eis que uma tarefa análoga se oferece à grande família universitária, herdeira do património cultural da humanidade. Para que se liberte de particularismos funestos, é

necessário que multiplique os contactos entre mestres e estudantes de diversos países, que desenvolva por meio do estudo das línguas e através de uma útil colaboração o apreço pelas riquezas de cada um: é assim que os povos, em lugar de fazerem concorrência uns aos outros e de se oporem, tomarão gosto por mutuamente se completarem. Não podemos deixar de felicitar os Movimentos da PAX ROMANA pelos seus pacíficos esforços neste sentido e apreciamos igualmente que se desenvolva no campo internacional uma acção metódica ao serviço da ciência e da cultura.

Mas esta missão da Universidade, que aproxima os homens e os povos através da colaboração pacífica das inteligências, seria ineficaz se não fosse realizada por uma coordenação progressiva dos conhecimentos entre si. Poder-se-ia acaso levar a cabo proveitosamente a comunhão dos espíritos fora da unidade da verdade?

"Universidade, observámos. Nós ainda não há muito, não significa apenas juxtaposição de faculdades estranhas umas às outras, mas síntese de todos os objectos do saber... E o progresso moderno, as especializações cada vez mais desenvolvidas, tornam tal síntese mais necessária que nunca. (Discurso ao Instituto Católico de Paris, 21 de Setembro de 1950).

A bem dizer, tornam-na também mais difícil e mais frágil, e a Universidade tem o dever de a preservar de dois escolhos opostos. O primeiro seria a indevida ingerência do Estado que, ultrapassando os seus direitos, pretendesse impor ao ensino, para fins políticos ou ideológicos, a unidade factícia de uma filosofia arbitraria. Mas, pelo contrário, a Universidade desempenharia mal a sua missão se se abandonasse ao pluralismo ou a um sincretismo superficial; no campo do conhecimento meramente natural compete-lhe superar a diversidade das disciplinas, dar incremento a uma sabedoria e formar a personalidade intelectual do estudante. De ela é que depende a realização da sua elevada missão, que é dar aos espíritos moços o respeito pela Verdade, e orientá-los no caminho da livre iniciativa indispensável à sua maturidade intelectual.

Missão delicada, feita de firmeza e discreção, para o desempenho da qual convidamos especialmente as Nossas Universidades católicas, iluminadas na sua empresa pelos esplendores da fé; somente elas podem realizar o esforço de síntese até ao fecho da abóbada que terminará o edifício, porque "esta unidade só tenderá para a perfeição na medida em que ela se buscar em Deus, na caridade esclarecida pela ciência, segundo a verdade única do Evangelho, sob a direcção da Igreja una e santa." (Discurso ao Comité internacional para a unidade e universalidade da cultura, 14 de Novembro de 1951). Ao serviço da sociedade que estuda, semelhantes Universidades coroadas pelo ensino da filosofia cristã e da teologia, serão escolas de Verdade; e serão também mestras de vida, cristã, moral, cívica e social.

Que este Congresso mundial seja, portanto, para os membros da PAX ROMANA ocasião de avivar a consciência das responsabilidades comuns numa hora grave da história; que ele constitua para todos os meios universitários o ponto de partida para uma colaboração mais fraterna, para intercâmbios mais proveitosos que permitam à Universidade desempenhar melhor no mundo a sua missão eminentemente humana e pacificadora à qual a Igreja dá tanto apreço.

É esse o voto que de todo o coração formulamos, e, em penhór destes sentimentos, concedemo-vos assim como a todos os estudantes e intelectuais dos vossos dois Movimentos, a nossa paternal Bênção Apostólica.

Vaticano, 12 de Agosto de 1952



DISCURSO DE SUA SANTIDADE PIO XII
AOS PROFESSORES E ALUNOS DOS INSTITUTOS CATÓLICOS DE FRANÇA
(Setembro 1950)

Ao dar-vos as boas-vindas, queridos filhos dos Institutos católicos de França, que viestes aqui para celebrar o Ano Santo, saudamos também com emoção profunda e ardente orgulho três quartos de século da vossa história gloriosa. Emoção e orgulho, sim, porque é uma história de grandes sacrifícios, de grandes dedicações, que se desenrolou através de tantas vicissitudes, por vezes brilhantes, por vezes sombrias, mas sempre laboriosas.

Ora não seria razoável gastar haveres, trabalho, vida, ao serviço de uma causa supérflua ou insignificante. O que foi feito por vós e pela geração que vos antecedeu, pressupõe a convicção de que um interesse capital estava em jogo. Que interesse? Graças a Deus, já se não trata de uma polémica de defesa ou de contra-ofensiva, como no final do século passado e nos princípios deste. Repetidas vezes temos tido ocasião de receber e falar a ilustres representantes do mundo intelectual, especialmente aos das grandes Universidades, que nos trouxeram o testemunho da sua deferência e da sua recta intenção. Qual é pois, actualmente, a razão de ser dos Institutos católicos, a sua oportunidade, acerca da qual, até nos melhores meios, parece por vezes suscitarem-se certas dúvidas? Poder-se-ia, antes de mais, ver uma questão de dignidade para a Igreja, na manutenção da obra mais que milenária que lhe deve a existência, o desenvolvimento e a sua influência extraordinária e fecunda.

Mas a mera existência de uma tão preciosa e admirável tradição histórica, bastaria para justificar e explicar semelhante gasto de dinheiro e energias?

Há outro motivo, aos nossos olhos mais importante e vital.

A permanente actualidade dos Institutos ou Universidades católicas reside na sua utilidade; na necessidade de constituir um corpo de doutrina, ordenado e sólido, de criar um ambiente de cultura especificamente católico. Um ensino, ainda que irrepreensível, em todos os ramos do saber, completado mesmo pela agregação de uma instrução religiosa superior, não basta. Todas as ciências têm, directa ou indirectamente, alguma relação com a religião; não apenas a teologia, a filosofia, a história, a literatura, mas ainda as outras ciências: jurídicas, médicas, físicas, naturais, cosmológicas, paleontológicas, filológicas. Dando-se até o caso de não incluírem nenhuma relação positiva com os problemas dogmáticos e morais, nem por isso correriam menos o risco de se encontrarem muitas vezes em contradição com eles.

É pois necessário, mesmo que o ensino se não ligue directamente à verdade e à consciência religiosa, que o docente esteja imbuído de religião, da religião católica.

E não é tudo. Circunstâncias absolutamente extrínsecas levaram a substituir em certos países, o nome de Universidade católica por outro. Apenas o nome desapareceu; o carácter permanece e deve permanecer.

Universidade não significa apenas juxtaposição de faculdades estranhas umas às outras, mas síntese de todos os objectos do saber. Nenhum deles está separado dos outros por um compartimento estanque; todos devem convergir para a unidade do campo intelectual integral. E o progresso moderno, a especialização cada vez mais desenvolvida, tornam esta síntese também mais necessária que nunca.

De contrário, é grande o risco da alternativa entre o excesso de independência, o isolamento, dessa especialização em prejuízo da cultura e da valorização gerais, e por outro lado, o desenvolvimento de uma formação de carácter geral, mais superficial que profunda, em detrimento da precisão, da exactidão e da competência própria.

Realizar esta síntese, na medida do possível, tal é o papel da Universidade; realizá-la até à medula, até ao fecho da abóbada que culminará o edifício, acima da própria ordem natural, tal é o papel da Universidade católica.

Se as vicissitudes dos tempos lhe paralizaram ou demoraram a execução, o esforço pelo menos está longe de ter sido estéril. Os vossos Institutos Católicos de França podem sentir-se orgulhosos do seu Livro de Ouro. Sem falar já nos mestres eminentes em todas as ciências - professores, escritores, inventores, iniciadores - cujos nomes se contam entre os mais ilustres da história contemporânea, que falange de homens tão notáveis pelo seu valor profissional como pela sua fé e vida cristã, têm dado à Igreja e à sociedade! Prosegui no vosso caminho, filhos muito amados, com o olhar fixo no ideal que, homens de ciência e homens de fé, escolhestes como norte. Caminhai na esteira da sua luz; ela brilha no céu, indefectivelmente; se um dia ela viesse a empalidecer aos vossos olhos, conheceis o guia ao qual Cristo vos confiou. É para vos ajudar a avançar com passo firme na direcção da sua claridade, que vos demos a Nossa recente Encíclica "Humani Generis". Estudai-a; sede activamente dóceis aos seus ensinamentos; transmutai-os em acção, com aquela coragem de que vos deram exemplo, em todos os tempos da Igreja, os mais célebres de entre os sábios, pensadores e chefes.

Nem as surpresas trazidas pelas descobertas científicas, nem as tarefas da actualidade, puderam desorientá-las um instante sequer. Fortalecidos pela convicção de que entre a Ciência e a Fé, entre as conclusões definitivas daquela e os dogmas desta última, não é possível qualquer oposição irreductível, viviam na serena certeza de que a Fé católica, sem disfarces e sem reticências, permanece sempre, nos nossos dias como no tempo dos Apóstolos, a Arca da salvação.

É assim que ela deve ser no pensamento e no sentimento da humanidade.

Que nenhum esforço vos desanime, que nenhuma incompreensão vos intimide ou canse; tendes ao vosso lado a assistência divina, em penhor da qual vos damos, a todos vós, aos vossos Institutos, aos vossos colegas, aos vossos discípulos, a todos os que vos são queridos, a Nossa Bênção Apostólica.



II. Tese

O Universitário Católico perante os Problemas da Universidade

- I - Os membros do XIX Congresso de PAX ROMANA, em perfeita concordância com os ensinamentos da Igreja nesta matéria:
 - 1 - Propõem-se, antes de mais, reafirmar o princípio da liberdade de ensino na forma e com os limites assinalados nas Encíclicas Pontifícias, como consequência do direito que os pais receberam da Natureza para educar os seus próprios filhos.
 - 2 - Reconhecem que em virtude de um título superior e transcendente a Igreja, fundada pelo Divino Mestre, possui o poder inviolável de ensinar os seus filhos a Verdade Divina e de desenvolver neles as virtudes cristãs; razão pela qual deve gozar da maior liberdade no cumprimento desta sua santa missão.
 - 3 - Proclamam que a Igreja fomentou sempre a fundação e desenvolvimento de instituições culturais de carácter profano, desde que se mantenham dentro dos limites do direito e da virtude.
 - 4 - Afirmam que a Igreja, por extensão do mencionado direito possui além disso o poder de ministrar ensino profano instituindo escolas próprias, inclusivé de carácter universitário.
 - 5 - Os pais têm, igualmente, o direito de confiar os filhos a escolas constituídas pela Igreja ou vigiadas por ela, e não pode o Estado, de modo algum, negar ou pôr obstáculos ao exercício de tal direito.
 - 6 - Sublinham que a Universidade é uma Corporação de docentes e discentes, que tem por fim, não só a instrução, mas também a educação das pessoas que se preparam para desempenhar dignamente funções de suprema transcendência na sociedade humana.
 - 7 - Que a missão que no seu ambiente formativo e educativo a Universidade desempenha, exige logicamente a autonomia académica, de regime e administração, limitada pelos mesmos direitos naturais que em a ordem a formação e educação do homem e do cidadão, possuem as três sociedades necessárias: Família, Igreja e Estado.
 - 8 - Que a Família e a Igreja Católica têm o direito e o dever de cuidar que a Universidade instrua e eduque os seus filhos em conformidade com os princípios cristãos doutrinários e morais. E ambas podem, além disso, estabelecer, quando o julgarem necessário ou conveniente, universidades próprias, devidamente correlacionadas com o Estado para salvaguarda dos direitos naturais deste último, em ordem ao bem comum temporal da sociedade civil.
 - 9 - Que corresponde à Hierarquia Eclesiástica julgar, em cada caso, a oportunidade da fundação de universidades católicas propriamente ditas, isto é, submetidas em todos os seus aspectos e actividades às autoridades eclesiásticas, mesmo que existam ao alcance dos alunos católicos universidades confessionalmente católicas embora independentes das autoridades eclesiásticas no seu regime interno e académico.
 - 10 - E que, finalmente, no caso de uma deficiência colectiva, o Estado tem o direito e o dever de desenvolver, por meio de estímulos materiais e morais, o estudo das Ciências e a prática das Artes.

- II - 11 - PAX ROMANA proclama que a Universidade, como Instituição que continua a formação integral do homem em ordem a preparar futuros dirigentes da sociedade, tem que desempenhar, dentro da sua própria esfera de acção, as seguintes funções específicas.
- Formar uma mentalidade científica, um sentido crítico e hábitos de trabalho metódico que a ciência exige.
 - Dar as bases necessárias para uma competência profissional.
 - Desenvolver a investigação.
 - Formar o sentido da responsabilidade própria, da responsabilidade perante a sociedade e da responsabilidade perante Deus.
- 12 - A Universidade deve possuir um sistema orgânico de ensino, orientado pelos citados princípios doutrinários, tendo em conta a vida total do homem, e procurar a convivência entre mestres e alunos por meio de um contacto directo e permanente.
- Para isso:
- O ensino de todas as matérias fundamentais deve ser acompanhado de exercícios teóricos e práticos que se desenvolverão em instituições científicas e em ambientes profissionais específicos.
 - Cada Faculdade deve criar cursos de formação filosófica e religiosa superior para ajudar a síntese e a unidade do saber e da vida.
- 13 - PAX ROMANA reconhece e afirma que, relativamente à sociedade, a Universidade tem os seguintes fins:
- CULTURAL:** A Universidade deve ser foco irradiante de valores culturais e fermento de novas orientações vitais.
- MORAL:** A Universidade tem de observar uma conduta exemplar como instituição, e em seguida exercer uma crítica sã, nobre, e construtiva de tudo o que se encontre deficiente e insalubre na sociedade.
- UNIFICADORA:** A Universidade tem o dever de procurar a unidade de de pessoas de diversas condições económicas, ráticas e profissionais, estando aberta e acessível igualmente a todo o homem com capacidade de seguir estudos superiores, e bem assim deve procurar a convivência dos futuros profissionais de carreiras diferentes com entidades e actividades idóneas.
- NACIONAL:** A Universidade tem o dever de fomentar solidamente o espírito cívico e nacional estudando as necessidades concretas e actuais do país, e aplicando na solução das mesmas os conhecimentos próprios de cada especialidade.
- SUPRANACIONAL:** A Universidade deve desenvolver com firmeza um trabalho eficaz de aproximação entre os povos, criando esse clima mais que internacional, que Pio XII designou por supranacional, em que os homens de pensamento se compreendam, se abracem e trabalhem juntos na tarefa que lhes é comum, utilizando todos os meios lícitos, que conduzem a essa aproximação e a compreensão e ajuda das Universidades entre si.
- 14 - Além da missão e dos fins mencionados, as Universidades que se professam católicas têm uma notável missão apostólica, que realizarão:
- Formando cristãmente os espíritos e consciências de um futuro escol, do país.

- b) Fazendo verdadeira ciência em conformidade com o dogma e a moral católicos, e consequentemente proporcionando à Igreja elementos para o desenvolvimento das ciências eclesiásticas, armas para sua defesa e prestígio intelectual.
- c) Estudando, dentro do âmbito das suas disciplinas próprias, os diversos problemas actuais da Igreja.
- 15 - De acordo com a missão formativa da Universidade e em defesa do seu puro sentido cultural e científico, PAX ROMANA proclama o princípio da autonomia da Universidade dentro da nação, e é portanto contrária à intervenção do Estado na estrutura, na docência, na administração e na vida da comunidade em ordem ao seu fim institucional, igualmente afirma que este princípio não se opõe à superior vigilância e protecção que compete ao Estado, em ordem ao bem comum temporal.
- 16 - Tendo presente que à Igreja assiste o direito de fundar Universidades e outros centros de ensino superior (Can. 1.375), com a faculdade de conceder qualquer grau ou título universitário, sem prejuízo do bem comum temporal cuja direcção cabe ao Estado, PAX ROMANA dará expressão aos desejos da Igreja no que respeita à criação de Universidades católicas livres, e secundará com todas as suas forças as iniciativas que, em conformidade com a Hierarquia Eclesiástica competente, se empreendam na realização dos ditos desejos.
- 17 - Considerando que a família tem um direito natural à educação integral dos seus filhos, escolhendo-lhes educadores segundo as suas legítimas preferências, e que além disso os particulares o têm de comunicar a verdade, PAX ROMANA proclama o direito das famílias e dos particulares a fundar e a reger toda a espécie de centros docentes, e a exigir do Estado, ao menos, subvenções proporcionais ao número dos alunos, nas condições exigidas pelo bem comum.
- 18 - PAX ROMANA afirma que o Estado tem na educação uma função supletória da família, e além disso cabe-lhe o direito de exigir que nas Universidades sejam ministrados os conhecimentos necessários para o exercício dos direitos e deveres cívicos e nacionais, de acordo com os princípios cristãos.
- 19 - Considerando a missão civilizadora da Universidade para com a sociedade em geral, o universitário católico deve trabalhar incessantemente pela recristianização da sua Universidade e pela propagação dos princípios cristãos.
- 20 - A necessidade de conquistar o meio universitário para os princípios católicos impõe-nos, a nós Universitários, o seguinte duplo dever:
- a) A nossa própria conquista para Deus e a aceitação da luta para nos mantermos em estado de graça.
- b) Uma formação moral, intelectual e social que nos torne aptos a exercer uma influência directa sobre o meio, através do nosso exemplo, prestígio e valor pessoal.
- 21 - Tal conquista não é possível senão graças ao apostolado colectivo universitário e ao apostolado pessoal, que permite atrair individualmente os nossos companheiros para que participem das nossas concepções, maneiras de pensar e hábitos de vida.
- 22 - Em vista disso, insistimos na necessidade de:
- a) nos pronunciarmos como católicos em todas as actividades da nossa vida universitária.

- b) Alcançarmos uma funda penetração no meio universitário por meio da formação de equipas, inspirando-nos no espírito de camaradagem, na eficaz ajuda e compreensão da pessoa humana e na intransigência perante o mal e o erro.
- c) Sermos perseverantes, fundados na consciência da nossa responsabilidade individual e na convicção de que Deus premiará com o êxito os nossos esforços continuados.
- 23 - As organizações católicas devem exercer a sua acção em todas as esferas da vida universitária. Em face de um estudante indiferente é seu dever esforçar-se por fazer dele um católico praticante; em face de um estudante anti-católico tentará dissipar-lhe os preconceitos, e no caso de obstinação, empregará todos os meios cristãmente lícitos para reduzir e anular a sua perniciosa influência.
- 24 - As organizações universitárias católicas devem também contribuir para a formação, no meio universitário, de um espírito de juventude, alegria, cooperação e unidade. Com esse fim, ocupar-se-ão especialmente:
- a) Da organização de centros de reunião e recreio para estudantes.
 - b) Da assistência a cada estudante na resolução dos seus problemas económicos, de alojamento, etc.
 - c) Da fundação de Lares e Colégios Maiores onde se favoreça a vida comunitária.
- 25 - Recomendamos vivamente aos estudantes católicos matriculados em Universidades não-católicas, que exerçam o direito que lhes assiste de se associarem para os seguintes fins:
- a) O livre cumprimento dos seus deveres religiosos.
 - b) Desenvolver actividades intelectuais, sociais e culturais, o que lhes permitirá viver uma atmosfera católica e difundir os seus princípios religiosos em todos os meios universitários.
- 26 - Recomendamos encarecidamente aos universitários católicos que tomem parte nas actividades não religiosas da Universidade, tais como Juntas do Governo, Associações desportivas, artísticas, culturais, etc., sempre que essa participação não atente contra os seus princípios cristãos.
- 27 - Considerando o carácter sagrado da missão do professor, recomendamos às Federações universitárias católicas que devem:
- a) propagar, entre os seus membros e entre os próprios professores, este nobre conceito de missão e a ideia de que para a sua realização é necessário uma alta moralidade profissional por parte dos mestres, e de respeito pela pessoa do mestre por parte dos alunos.
 - b) manter estreito contacto com os professores católicos da sua Universidade, e fomentar círculos de estudo nos quais o professor agrupe à sua volta uma selecção muito restrita de estudantes para completar a sua formação fora das horas de estudo.
 - c) favorecer, por todos os meios possíveis, a presença, em cada Faculdade ou Escola, de professores que possam consagrar todo o seu tempo e esforços a esta missão com exclusão de qualquer outra actividade.
 - d) estimular entre os seus membros o entusiasmo por esta vocação e proporcionar àqueles que a manifestem, toda a espécie de auxílio moral e material, com o objectivo de assegurar em cada Universidade o maior número possível de catedráticos católicos.

- 28 - Considerando os perigos a que estão expostos os estudantes católicos que recebem ensino de professores não-católicos, insistimos na necessidade de vigiar o ensino desses professores, e de o completar, corrigir e refutar, de acordo com as circunstâncias. E para discussão e solução destes problemas, recomendamos que, dentro de cada país e de cada Universidade, se criem comissões mixtas, formadas pelos representantes das Associações de estudantes e de professores católicos.
- 29 - A comissão mixta tomará em cada caso as medidas que se julgarem oportunas; sugerimos, no entanto, especialmente:
- a) o uso da imprensa universitária, de cartazes e outras publicações.
 - b) a refutação do erro e a exposição da doutrina católica sobre os pontos atacados, feita aos estudantes da mesma classe por um sacerdote, um professor ou um estudante convenientemente preparado para tal.
 - c) A organização que contenha resumida a refutação dos erros doutrinários anotados nas explicações, nos textos ou nas fórmulas; fichas que serão entregues a cada estudante.
- 30 - As associações universitárias católicas devem lembrar continuamente aos estudantes o peso das suas responsabilidades como universitários e como apóstolos sociais. Neste sentido devem combater a deformação profissional:
- a) completando o ensino técnico de cada profissão com a organização de actividades culturais, artísticas, sociais, desportivas, etc.
 - b) facilitando as relações entre os estudantes de todas as Faculdades para assegurar a criação de um verdadeiro espírito universitário que se traduzirá à saída da Universidade num espírito de cooperação de todos os profissionais para a solução dos problemas da sociedade.
- 31 - Para a aquisição do conhecimento prático destes problemas, recomendamos:
- a) o contacto com as outras classes sociais, especialmente com as classes trabalhadoras, por meio de manifestações religiosas, desportivas e populares.
 - b) a dedicação de parte do seu tempo livre ao trabalho de apostolado entre as classes agrícolas e industriais, e a ajuda aos pobres e vítimas da guerra.
- 32 - A juventude académica deve exercer uma função de crítica sã e objectiva perante as manifestações da vida social e combater o mal, com o seu exemplo, alegria e entusiasmo, fazendo-o sempre com energia e dignidade.
- 33 - As Federações universitárias devem facilitar as relações entre os seus membros e os estudantes católicos de outros países, através de bolsas, visitas, actuações culturais e desportivas internacionais e outros meios apropriados.
- 34 - Recomendamos às Federações nacionais e às associações católicas universitárias de países onde se encontrem muitos estudantes estrangeiros ou refugiados, que organizem para eles centros de informação e de vida social onde se possam reunir por grupos étnicos ou nacionais, e conseguir a aproximação e porventura uma activa cooperação com as associações católicas universitárias dos seus países, evitando deste modo particularmente a falta de ligação com a realidade católica universitária que eles representam.

- 35 - No que se refere à mulher universitária desejaríamos que aquela que foi chamada à Universidade tenha uma grande vocação e mentalidade universitária e que se esmere por conservar sempre a sua feminilidade, tanto na Universidade como no lar familiar.
- 36 - Para tal, consideramos que na sua vida de estudante:
- a) deve revelar sentimentos da maior camaradagem para com todos os colegas, sem nunca esquecer, porém, a diferença de trato entre pessoas de sexos opostos.
 - b) deve cultivar os desportos que melhor se coadunem com a sua natureza feminina, conservando a máxima feminilidade na prática dos mesmos.
 - c) na vida apostólica deve utilizar como meios, além do prestígio intelectual, os seus dons específicos de compreensão, abnegação e delicadeza.
- 37 - Quanto ao exercício da profissão:
- a) A feminilidade não impede que a mulher exerça uma profissão, pelo contrário, a carreira universitária é um precioso instrumento do Bem que Deus lhe pôs nas mãos.
 - b) No entanto, a mulher procurará evitar certas modalidades pouco adequadas ao seu sexo, que apresentam determinadas profissões.
 - c) O ideal seria que a mulher, ao contrair matrimónio, pudesse dedicar-se inteiramente às suas obrigações domésticas, mas temos que reconhecer que determinadas circunstâncias a forçam a desempenhar actividades fora do lar.
- 38 - Proclamamos a necessidade de coordenação nos trabalhos apostólicos dos universitários e das universitárias.
- 39 - Propomos que as Federações de universitários católicos deverão facilitar à mulher o acesso a todos os meios de formação na alta cultura católica que a tornam mais apta para realizar a sua vocação apostólica e social.

CONCLUSÕES DO XXII CONGRESSO MUNDIAL DE PAX ROMANA

- Canadá, 1952



A Missão da Universidade

A Universidade é uma instituição que tal, como no-lo diz o Santo Padre na carta que se dignou dirigir-nos, deve ser em alto grau um foco irradiante de vida intelectual.

1) Essa educação superior pressupõe uma concepção integral do homem e do seu lugar no seio da comunidade, assim como uma noção justa da verdade. Tem, como finalidade própria, o dar ao estudante, qualquer que seja a disciplina a que este se consagre, uma visão do homem e das coisas em que a verdadeira escala dos valores seja salvaguardada e que, ao mesmo tempo, seja bastante firme para resistir a todas as tentações ideológicas que o podem seduzir, e suficientemente maleável para acolher e integrar todos os progressos e todas as criações autênticas do espírito.

2) Os universitários católicos têm consciência que somente a luz da Fé permite ao homem atingir essa sabedoria cristã que forma a cúpula da cultura dada pela Universidade. Por conseguinte, as Universidades Católicas, contanto que não sejam em coisa alguma inferiores às outras universidades no que respeita ao valor científico do ensino, são, quanto a nós, a Universidade normal.

Não desconhecemos, no entanto, as contingências que, no mundo actual tornam necessária a existência de Universidades neutras. Nem duvidamos reconhecê-las benéficas sob certos aspectos, com a condição de que a sua neutralidade se mantenha aberta e acolhedora e que não pretendam dar resposta às questões essenciais que a razão não saberia resolver sózinha. Uma das missões dos católicos é procurar completar, exteriormente, estas Universidades, por um ensino de alta cultura cristã que saiba ir ao encontro do espírito próprio de cada uma delas.

3) A vastidão dos horizontes abertos à investigação do espírito humano, por um lado, as exigências da vida profissional, por outro, orientam a Universidade para uma especialização inevitável, mas que torna mais frágil e mais difícil o ensino de uma verdadeira cultura universitária, a qual deve ser ao mesmo tempo subtilmente especializada como o são as ciências, e universal como é o saber. A Universidade, como instituição, deve esforçar-se por fazer circular em todo o corpo universitário o espírito de unidade.

4) Foco de vida intelectual, a Universidade só cumprirá a sua missão educadora quando reconhecer que se deve dedicar à procura da Verdade, a qual se entende antes de mais nada, no sentido restrito de conquista do saber pela utilização dos processos mais aperfeiçoados da técnica e de todos os recursos da ciência. Mas a Universidade deve, mais profundamente ainda, dar ao estudante certo sentido de contemplação da Verdade, ensinando-o a considerar as coisas não apenas como matéria sobre a qual o homem exercerá o seu domínio, mas também como criaturas e filhas de Deus, atitude que implica respeito diante o mistério dos seres, intelegíveis e simultaneamente inexgotáveis, sinceridade, coragem, e para o cristão, aquela serenidade confiante que lhe dá a certeza da harmonia secreta entre as afirmações da Fé e as mais ousadas conclusões da ciência.

5) A Universidade insere-se mais directamente na vida social, ao preparar para as profissões liberais e intelectuais. A sociedade utilitarista da nossa época tem a tendência cada vez maior para pedir, ao ensino universitário, técnica de preferência à Ciência, aprendizagem prática de preferência a método de trabalho. A alta missão da Universidade, pelo contrário, deve levá-la a dar ao estudante as bases e a formação científicas da sua profissão, o juízo moral que lhe permita um exercício delas verdadeiramente respeitoso dos valores humanos, um conjunto enriquecido pelas perspectivas de uma cultura universal. Por conseguinte, há que manter o ensino universitário em contacto com os problemas e as dificuldades concretas da vida profissional. A própria profissão só poderá tirar benefícios duma união mais íntima com o esforço científico que deve realizar-se no seio da Universidade.

6) O isolamento indispensável à descoberta da verdade arrisca muitas vezes a Universidade a um corte dos laços que a prendem à sociedade em que vive.

Permanecendo fiel à sua vocação de alto ensino, esforçando-se por comunicar uma cultura integral, a Universidade cumpre o seu primeiro dever social na comunidade; mas deverá, eventualmente, suprir a falta de outros organismos, suscitando ou ajudando eficientemente a criação de centros de extensão universitária através dos quais se difundam as riquezas culturais acessíveis a todos.

E se a Universidade souber conservar o rigor do seu próprio ensino, não deverá recear perder em profundidade o que virá a ganhar em extensão.

Por outro lado, a indiferença recíproca que muitas vezes tem reinado nas relações entre a Universidade e a sociedade, pode ser superada se a Universidade se esforçar por dar respostas válidas, no plano que lhe compete, às questões que lhe apresenta a vida social, económica e jurídica.

7) Embora sob o ponto de vista jurídico, a Universidade seja em relação à sociedade política, uma sociedade particular com a sua finalidade própria, por outro lado, constitui, como tão claramente se patenteou na Idade Média, uma potência moral ordenada a valores que ultrapassam o temporal no sentido limitativo da palavra.

Por consequência, o Estado deve garantir à Universidade a autonomia e a assistência necessárias à realização da sua finalidade.

A liberdade universitária representa o aspecto mais importante desta autonomia. Mas, como toda a liberdade humana, não pode ser absoluta. Nas Universidades Católicas, a presença imediata da Igreja, guardiã das verdades e valores de ordem sobrenatural, e também das verdades e valores essenciais à ordem natural, confere à liberdade académica a sua facilidade e a sua fecundidade cultural.

No que se refere à intervenção do Estado, temos de reconhecer a este, em princípio, o direito fundamental que lhe assiste de intervir sempre que sejam atingidas e violadas as verdades basilares e os preceitos da lei natural. Mas de facto, nas condições concretas em que se encontra a humanidade, tornar-se-ia prejudicial ao bem da sociedade que o Estado exercesse tal direito sem uma extrema prudência, porque há que ter em conta as disposições subjectivas tanto daqueles que ministram o ensino como dos que o recebem.

Se deixarmos o campo das opiniões para passar ao da acção, o Estado democrático terá o direito de intervir sempre que uma atitude subversiva ponha em risco os princípios constitucionais em que se baseia. Como instituição, a Universidade, reveste-se por conseguinte

de um carácter essencialmente apolítico.

A actividade política dos professores não poderá ser vedada, contanto que sejam salvaguardadas a objectividade científica do seu ensino, a confiança dos estudantes na imparcialidade dos mestres, a dedicação de todos e de cada um ao bem comum, e a concórdia, fruto da ausência de toda a pressão política no seio da vida universitária.

8) O fim específico da Universidade ultrapassa, já o fizemos notar, os limites do espaço e do tempo. As instituições universitárias são de natureza a desenvolver aqueles valores sem os quais não poderia existir uma verdadeira comunidade internacional. Nada daquilo que é humano fica estranho ao humanismo integral que professa a Universidade. Ela pretende conhecer todo o homem e todos os homens, e a sua mensagem possui um carácter universal, universalismo este que abrange e vivifica as culturas nacionais legitimamente diferenciadas, e as impede de se fecharem sobre si e de se levantarem umas contra as outras.

Sob um aspecto mais prático, é também dever das universidades e dos universitários católicos participar activamente na vida das grandes instituições internacionais, quer oficiais quer particulares, favorecer o intercâmbio de professores e estudantes de diferentes países, pôr em comum competências e métodos de ensino e de trabalho científico, e, finalmente, procurar conseguir tanto quanto lhe seja possível, a equivalência dos graus académicos.

9) A emigração forçada, tão trágica e tão típica da nossa época, impõe às universidades dos países livres obrigações muito especiais, e requer soluções imediatas e práticas, ajudando a reconstrução, nos meios livres que as acolheram, das famílias culturais oprimidas.

Quanto à crise ideológica universal cuja dolorosa consequência são estas emigrações, as universidades católicas esforçar-se-ão por resolvê-la alimentando e vivificando a inteligência e o coração das novas gerações, de modo que estas não conheçam o vácuo espiritual que atrai inevitavelmente a invasão das falsas doutrinas. É infelizmente verdade que, se a vida internacional é um diálogo, esse diálogo tornou-se impossível com as doutrinas totalitárias que não admitem possibilidade alguma de enriquecimento mútuo e de verdadeiro intercâmbio.

10) É preciso que a Universidade, embora permanecendo uma escola superior de ensino, esteja democraticamente aberta a todos aqueles cuja capacidade e vocação lhes permitam transpor os seus umbrais.

Nenhuma restrição económica, racial ou política é admissível.

A Universidade deve ter a preocupação de contribuir para a harmonia interna da sociedade, preparando uma distribuição cada vez melhor das actividades profissionais em relação com as condições sociais e económicas, e isto através de uma orientação sugerida ao estudante, e de uma adaptação inteligente da sua orgânica ao papel específico da mulher universitária tendo em vista a sua vocação futura.

11) A nobreza da missão da Universidade impõe aos católicos o dever de favorecer as vocações universitárias, não perdendo de vista, no entanto, que a qualidade moral e intelectual dos futuros mestres é o único critério a que deve obedecer-se na escolha dos professores.

Interessa também que as condições económicas dos professores

universitários sejam de molde a permitir-lhes consagrarem-se inteiramente às suas funções.

Esta afirmação não exclui o caso em que essa própria função se enriquece por meio de actividades que põem o professor em contacto com as realidades sociais.

12) Não poderemos encontrar melhor conclusão que retomar as palavras do Santo Padre na carta que nos dirigiu por ocasião deste Congresso:

"Se as vicissitudes dos tempos afrouxaram por vezes os laços seculares entre a Igreja e a Universidade, a desorientação actual de uma humanidade ávida de concordia e de unidade, a angústia de tantos espíritos de boa vontade, tudo vos incita a reatá-los."

O Santo Padre convidou-nos a estudar com este espírito a missão da Universidade.

Esforçámo-nos, no decurso dos nossos trabalhos, por corresponder ao seu apelo.

Compete a cada congressista e a todas as organizações membros da PAX ROMANA, prosseguir, no plano nacional e internacional, o trabalho assim orientado, reconstruindo deste modo pouco a pouco, não apenas dentro dos limites de uma cristandade geograficamente determinada, mas através do mundo inteiro, uma comunidade universitária viva, unida pelos laços do espírito.

Fundação Cuidar o Futuro

*

* *